

OFICINA DE DESENVOLVIMENTO DE METODOLOGIAS PARA ELABORAÇÃO E IMPLANTAÇÃO DO PLANO DE GESTÃO PARTICIPATIVA DAS REDES DE COOPERAÇÃO DE CATADORES E CATADORAS DE MATERIAIS RECICLÁVEIS

CATAFORTE

Fortalecimento do Associativismo e Cooperativismo
dos Catadores de Materiais Recicláveis

Negócios Sustentáveis em Redes Solidárias



Ministério da
Saúde

Ministério do
Meio Ambiente

Secretaria Nacional de
Economia Solidária

Ministério do
Trabalho e Emprego

Secretaria-Geral da
Presidência da República



Período: 29 de Junho a 03 de julho de 2015

Local: São Paulo - SP

Participantes: 80 participantes

Objetivo: Desenvolver metodologias de elaboração e implantação do Plano de Gestão Participativa nas Redes de Cooperação Solidária de catadores e catadoras de materiais recicláveis.

Execução: Escritório Nacional do CATAFORTE - CEADDEC - Centro de Estudos e Apoio ao Desenvolvimento Emprego e Cidadania

PROGRAMAÇÃO	
29 DE JUNHO	
11h às 12h	Credenciamento – 60'
12h às 14h	ALMOÇO
14h às 14h30	Mística de Abertura – 30'
14h30 às 15h	Mesa de Abertura – 30'
15h às 16h	Rodada de apresentação em grupos: A Gestão das Redes Solidárias – 60'
16h às 16h30	Café – 30'
16h30 às 19h	Continuação da Rodada de Apresentação: As Gestões das Redes Solidárias – 150'
30 DE JUNHO	
8h30 às 9h	Apresentação da sistematização dos desafios e potencialidades – 30'
9h às 11h25	Painel 1: Autogestão <ul style="list-style-type: none">• Gestão Democrática e Participativa em Redes de Cooperação Solidária: Teoria e Prática da Autogestão – 40' <i>Cláudio Nascimento (Escola Sindical/CUT)</i>• Formação para Participação e Gestão Democrática em Empreendimentos Econômicos Solidários de Catadores e Catadoras de Materiais Recicláveis – 40' <i>Felipe Vella Pateo (SENAES/MTE)</i>• Desafios cotidianos da autogestão em Redes Solidárias e Empreendimentos Solidários – 15' <i>Fagner Antônio Jandrey (Escritório Nacional/CEADEC)</i>
10h30 às 11h10	Café – 20'
11h25 às 12h15	Debate – 50'
12h15 às 14h	ALMOÇO
14h às 16h	Painel 2: Práticas de Gestão Participativa em Empreendimentos Econômicos e Redes Solidárias na perspectiva dos/as catadores/as <ul style="list-style-type: none">• Afirmação da Identidade e projeto de sociedade – 20' <i>(Uilian Ungari Mendes – COOMCAT/RS)</i>• Estrutura Organizativa – 20' <i>(Carlos Alencastro Cavalcanti – Cataparaná/PR)</i>• Comunicação – 20' <i>(Ivaneide da Silva Souza – Redesol/MG)</i> <i>José Iramar A. de Souza – Uniforte/GO)</i>• Formação e Mobilização para Participação – 20' <i>(Helena Francisco da Silva – Rede Anastácia/SP)</i>• Estratégias e metodologias para planejamento, monitoramento e avaliação das atividades em Rede – 20' <i>(Matilde Ramos da Silva – Catarecicla/SP)</i>• Relações Políticas e Institucionais – 20' <i>(Maria Madalena R. Duarte Lima – Cataunidos/MG)</i> <i>Rosângela de Souza – Coopaguapé/MG)</i>

16h às 16h20	Café – 20'
16h20 às 17h	Debate – 40'
17h às 17h30	Discussão do Guia Metodológico para Elaboração e Implantação do Plano de Gestão Participativa – 30' <i>(Escritório Nacional do CATAFORTE/CEADEC)</i>
17h30 às 19h	Grupos Temáticos: Identidade e projeto de sociedade – 90'

01 DE JULHO

8h30 às 10h	Grupos Temáticos: Estrutura Organizativa – 90'
10h às 10h30	Café – 30'
10h30 às 12h	Grupos Temáticos: Comunicação – 90'
12h às 14h	ALMOÇO
14h às 15h30	Grupos Temáticos: Formação e Mobilização para Participação – 90'
15h30 às 15h50	Café – 20'
15h50 às 17h20	Grupos Temáticos: Estratégias e metodologias para Planejamento, monitoramento e avaliação em Rede – 90'
17h20 às 19h	Grupos Temáticos: Relações Políticas e Institucionais – 90'

02 DE JULHO

8h30 às 9h30	Apresentação, debate e validação dos conceitos sistematizados nos grupos temáticos – 60'
9h30 às 10h10	Painel 3: Gestão Participativa e Construção de Indicadores – 40' <i>Alexandre Antônio da Silva (Unisol)</i>
10h10 às 10h30	Café - 20'
10h30 às 11h20	Debate – 50'
11h20 às 12h	Atividade prática – metodologia participativa – 40' <i>(Escritório Nacional CATAFORTE/CEADEC)</i>
12h às 14h	ALMOÇO
14h às 18h30	Oficina – Construção de diretrizes e Indicadores: contribuições ao Plano de Gestão Participativa – 240' <i>(Escritório Nacional CATAFORTE/CEADEC)</i>
16h às 16h30	Café – 30'

03 DE JULHO

8h30 às 10h	Apresentação e Validação dos Produtos da Oficina – 90'
10h às 11h20	Grupos de Planejamento das Regionais – 80'
11h20 às 12h	Encerramento – 40'
12h às 14h	ALMOÇO

CATAFORTE

Fortalecimento do Associativismo e Cooperativismo
dos Catadores de Materiais Recicláveis

Negócios Sustentáveis em Redes Solidárias

ESCRITÓRIO NACIONAL

GUIA METODOLÓGICO PARA ELABORAÇÃO DO PLANO DE GESTÃO PARTICIPATIVA DAS REDES DE COOPERAÇÃO DE CATADORES E CATADORAS DE MATERIAIS RECICLÁVEIS

CATAFORTE

Fortalecimento do Associativismo e Cooperativismo
dos Catadores de Materiais Recicláveis

Negócios Sustentáveis em Redes Solidárias



Fundação
Nacional
de Saúde



Ministério da
Saúde

Ministério do
Meio Ambiente

Secretaria Nacional de
Economia Solidária

Ministério do
Trabalho e Emprego

Secretaria-Geral da
Presidência da República

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PÁTRIA EDUCADORA

São Paulo, Junho de 2015

GUIA DE ELABORAÇÃO DO PLANO DE GESTÃO PARTICIPATIVA DAS REDES SOLIDÁRIAS

Gestão Participativa	3
INTRODUÇÃO	4
Etapa 1 - Diagnóstico Participativo da Rede Solidária	6
Procedimentos:	7
Etapa 2 – Apresentação e Discussão dos Componentes do Plano de Gestão Participativa	8
1. Afirmação da Identidade e Projeto de Sociedade	8
Princípios	10
Objetivos	10
Acordos de Convivência.....	10
2. Estrutura Organizativa.....	10
Organograma da Estrutura Organizativa.....	11
Mecanismos ou instâncias de participação	11
Sucessão geracional	12
Rotatividade de cargos e funções	12
Gestão do Negócio Sustentável	13
Aspectos Formais	13
3. Comunicação	13
Organograma do fluxo da informação	13
Gestão da Informação, Controle e Transparência	14
4. Formação e Mobilização para a Participação	14
Mecanismos e Estratégias de Vitalidade Associativa	15
5. Estratégias e metodologias para Planejamento, Monitoramento e Avaliação (PMA) das atividades em Rede.....	16
6. Relações Políticas e Institucionais	16
Agentes externos	17
Procedimentos.....	18
Etapa 3 – Planejamento Participativo da Rede.....	18
Procedimentos.....	20
Etapa 4 – Sistematização do Plano de Gestão Participativa	21
Procedimentos.....	21
Etapa 5 – Implementação do Plano de Gestão Participativa	21
Etapa 6 – Monitoramento do Plano de Gestão Participativa	22
INDICADORES.....	22
Procedimentos:.....	23

Guia de Elaboração do Plano de Gestão Participativa das Redes Solidárias

Gestão Participativa

A participação é uma forma de efetivar direitos. É construída com diálogo e negociação, pode ocorrer em diversas formas de discussão, deliberação e mediação de conflitos e está relacionada a todas as etapas de atividade das Redes Solidárias.

A gestão participativa significa um processo de construção coletiva, com o compartilhamento de ações e responsabilidades, divisão de tarefas do dia a dia, enfrentamento das dificuldades e superação de desafios. A gestão participativa pressupõe a participação das pessoas em todos os processos de tomada de decisões sobre a organização, sobre a organização deve resultar em melhorias nos métodos, práticas e, conseqüentemente, no resultado das ações da Rede Solidária.

No âmbito do Projeto CATAFORTE: Negócios Sustentáveis em Redes Solidárias, a gestão participativa deve contribuir para o empoderamento e protagonismo dos/as catadores/as, com conseqüente aumento dos resultados sócio produtivos e melhoria da qualidade de vida, ampliar as parcerias e garantir transparência na comunicação e consolidação dos negócios sustentáveis. A gestão participativa, para o Projeto CATAFORTE, é uma premissa para assegurar a autogestão das Redes Solidárias.

Enquanto a gestão convencional é baseada na hierarquia e na centralização da tomada de decisões, a gestão participativa é baseada na horizontalidade, na descentralização, na confiança, na motivação, na capacitação e na formação integral dos processos para todos os integrantes dos EES e das Redes Solidárias, no exercício da democracia

direta de todas as esferas que envolvem os EES e nos processos de interação livre entre os integrantes que formam a Rede Solidária.

É preciso que as instâncias de gestão tenham uma visão da totalidade da Rede Solidária para superar os conflitos internos e promover os avanços necessários. Para que uma organização tenha uma gestão participativa, deve fazer um diagnóstico de seu atual estágio de gestão, discutir com os seus integrantes as propostas para um modelo e implementá-lo.

Introdução

Um Plano de Gestão Participativa tem o objetivo de, a partir de discussões coletivas, diagnósticos participativos, validações e tomadas de decisão conjuntas, contribuir para uma gestão que seja democrática, propositiva, descentralizada e baseadas nos princípios da Economia Solidária – cooperação, autogestão, viabilidade econômica e solidariedade¹.

Deve prever no seu planejamento ações que promovam: a democratização das relações sociais, o desenvolvimento dos integrantes da Rede Solidária, a formação e capacitação dos/as catadores/as, a socialização da informação, a preocupação com a sucessão geracional e a rotatividade das instâncias de gestão. É, assim, um Plano que direcione a Rede Solidária para a autogestão.

A autogestão é uma construção a partir da base, em que a decisão, a gestão, o controle e a produção estão nas mãos dos/as trabalhadores/as, em uma construção própria e conjunta. É um movimento, com experiências de vitórias e derrotas, mas sempre fruto de

¹ O que é economia solidária? Disponível em <http://portal.mte.gov.br/ecosolidaria/o-que-e-economia-solidaria.htm>.

uma ação coletiva que experimenta e constrói, em uma perspectiva de transformação social².

A busca pela autogestão deve ser permanente. Mas para alcançá-la é necessário definir indicadores que identifiquem os avanços e desafios da Rede Solidária para que, mais do que uma gestão democrática, seja implementado um modelo em que os catadores e catadoras têm o poder de decisão no empreendimento.

Para sistematização do Plano de Gestão Participativa, as Redes Solidárias, com auxílio de técnicos/as apoiadores, deverão realizar algumas etapas, de modo a gerar informações, conhecimentos, questionamentos e, posteriormente, propostas de ações a serem implementadas a partir das decisões tomadas. Como é um Plano de Gestão Participativa não se pode pensar em sua elaboração sem a plena participação dos/as catadores/as em todas as suas etapas.

O desenvolvimento de novas formas de gestão deve passar necessariamente pelos processos de diagnóstico, intervenção e mudança. A identificação das potencialidades e limites da Rede Solidária começa e está centrada principalmente no diagnóstico participativo. São sugeridas as seguintes etapas para a elaboração do Plano de Gestão Participativa das Redes Solidárias de Catadores e Catadoras de Materiais Recicláveis no âmbito do Projeto CATAFORTE: Negócios Sustentáveis em Redes Solidárias:

1. Diagnóstico Participativo da Rede Solidária
2. Componentes do Plano de Gestão Participativa
3. Planejamento Participativo

² A autogestão é o “novo cooperativismo”, de Cláudio Nascimento. Disponível no livro Gestão Pública e Sociedade – Fundamentos e políticas públicas da Economia Solidária. BENINI, Édi A. FARIA, Maurício Sardá; NOVAES, Henrique T. e DAGNINO, Renato. São Paulo: Outras Expressões, 2011.

4. Sistematização do Plano de Gestão Participativa
5. Implementação do Plano de Gestão Participativa
6. Monitoramento da implementação do Plano de Gestão Participativa

Etapa 1 - Diagnóstico Participativo da Rede Solidária

Para levantamento da situação atual e projeção de cenários futuros da Rede Solidária, sugere-se que seja utilizada a metodologia do diagnóstico participativo, adaptado do Diagnóstico Rápido Participativo - DRP, que tem sido utilizado com mais frequência junto a grupos rurais.

No diagnóstico participativo a coleta dos dados é realizada através de técnicas e vivências (também chamadas de oficinas) com a participação direta e imprescindível dos/as catadores/as envolvidos na Rede Solidária. Trata-se de um ponto de partida para identificação e reflexão da realidade que, posteriormente, deverá se transformar em planejamento, avaliação e monitoramento com etapas definidas.

O diagnóstico participativo deve vir acompanhado da aplicação de diferentes abordagens, com reflexão, diálogo e abordando diversos aspectos, para realizar a análise participativa da realidade da Rede Solidária. Deve privilegiar os conteúdos e práticas organizacionais e suas aplicações a partir da vivência e comunicação dos/as próprios/as catadores/as, sem perder de vista a análise documental e teórica dessas práticas. É fundamental o envolvimento dos/as catadores/as da Rede Solidária, eliminando a manipulação e a predominância de determinados grupos sobre o processo de diálogo que se pretende estabelecer. Assim é possível construir o “quebra-cabeça” da realidade organizacional da Rede Solidária.

Procedimentos:

- Planejamento da realização do diagnóstico participativo: Os/as técnicos/as responsáveis, em diálogo com a o Conselho Gestor da Rede, definem as datas da realização, sugerem as oficinas/vivências a serem aplicadas e organizam o material necessário para o diagnóstico participativo. A recomendação é que sejam realizadas junto aos/às catadores/as dos Empreendimentos Econômicos Solidários que compõem a Rede Solidária. Como sugestão, ao final deste guia, são indicadas algumas oficinas/vivências que podem ser aplicadas para fins de diagnóstico participativo.
- Realização das oficinas/vivências: Os/as técnicos/as responsáveis realizam as oficinas/vivências de diagnóstico participativo junto aos/às catadores/as dos Empreendimentos Econômicos Solidários – EES que compõem a Rede Solidária, Conselho Gestor e Catadores/as Mobilizadores/as, com registro de todos/as os/as participantes das oficinas/vivências.
- Sistematização do diagnóstico participativo: Após a realização das oficinas/vivências nos EES da Rede Solidária, os resultados dos diagnósticos deverão ser sistematizados com o cuidado de considerar todas as contribuições. Outra parte desta etapa é a complementação de dados, na qual os/as técnicos/as responsáveis complementarão as informações do diagnóstico da Rede Solidária com pesquisa documental, entrevistas e pesquisa de dados secundários.
- Devolução e validação do diagnóstico participativo: Após a sistematização, os/as técnicos/as responsáveis fazem uma

apresentação para validação dos resultados para o Conselho Gestor e Catadores/as Mobilizadores/as.

Etapa 2 – Apresentação e Discussão dos Componentes do Plano de Gestão Participativa

Este guia apresenta alguns aspectos a serem considerados no Plano de Gestão Participativa, mas a Rede Solidária pode acrescentar outros aspectos.

- Afirmação da Identidade e projeto de sociedade
- Estrutura Organizativa
- Comunicação
- Formação e Mobilização para Participação
- Estratégias e metodologias para planejamento, monitoramento e avaliação das atividades em Rede
- Relações Políticas e Institucionais

1. Afirmação da Identidade e Projeto de Sociedade

Entende-se por afirmação da identidade o reconhecimento da Rede Solidária enquanto um grupo de EES composto por catadores/as organizados/as para a realização de objetivos comuns, através da prática cotidiana dos princípios da Economia Solidária.

A identidade deve ser entendida como um processo social, que é experimentado e construído nas relações estabelecidas por todos/as os/as envolvidos/as. A identidade individual, ao ser compartilhada, orienta e forma a identidade e a ação coletiva dos associados/as e cooperados/as. A afirmação da identidade é uma construção social, uma opção política coletiva, onde as identidades e objetivos individuais se

encontram e conformam a unidade simbólica necessária para garantir a motivação e o desenvolvimento das Redes Solidárias.

Neste sentido, o objetivo do Projeto CATAFORTE - Negócios Sustentáveis em Redes Solidárias – estruturar redes solidárias de empreendimentos de catadores de materiais recicláveis de modo a possibilitar avanços na cadeia de valor e inserção no mercado da reciclagem - deve ser considerado para o fortalecimento da construção e afirmação da identidade coletiva das Redes.

O projeto de sociedade deve estar em consonância com os princípios, objetivos e acordos de convivência praticados pelas Redes Solidárias. O projeto de sociedade permitirá que todos os/as catadores/as que compõem a Rede Solidária consigam visualizar-se enquanto trabalhadores/as protagonistas na construção de uma sociedade justa, ecologicamente equilibrada e economicamente solidária. É importante ressaltar nesta discussão a caracterização da sociedade atual, bem como construir a noção de que a sociedade é dinâmica, e muda através da mobilização das forças sociais em busca de seus modelos de sociedade em processos históricos.

A construção e afirmação da identidade coletiva fortalece a autonomia dos sujeitos, potencializando suas forças sociais para o avanço de suas lutas em busca de um projeto de sociedade que se constrói desde já. Neste caso, estão ligados intrinsecamente à Economia Solidária, que se desenvolve como enfrentamento das contradições do sistema capitalista, que é baseado em relações de dominação e exploração. Assim, o projeto de sociedade idealizado pelas Redes Solidárias deve conter elementos que busquem a superação dessas relações e contradições.

Princípios

São valores éticos que orientam as ações dos EES e das Redes Solidárias em suas experiências de gestão participativa. Os princípios da Economia Solidária são: autogestão, democracia direta, cooperação, solidariedade, valorização do saber local, livre associação, apoio mútuo, propriedade coletiva dos meios de produção, horizontalidade e autonomia.

Objetivos

Motivos pelos quais os EES se organizam em Rede Solidária, estão ligados à identidade coletiva e ao modelo de sociedade almejado pelos/as catadores/as.

Acordos de Convivência

Forma e organização das questões operacionais e administrativas do EES e da Rede Solidária, documentadas, sempre referenciadas pelos princípios e identidade da Rede Solidária. É um instrumento construído coletivamente que estabelece as regras que norteiam as ações individuais. É elaborado para atender as circunstâncias experienciadas e refletidas pelos membros dos EES, portanto, deve sempre estar em construção, de acordo com as situações vividas no decorrer de sua história.

2. Estrutura Organizativa

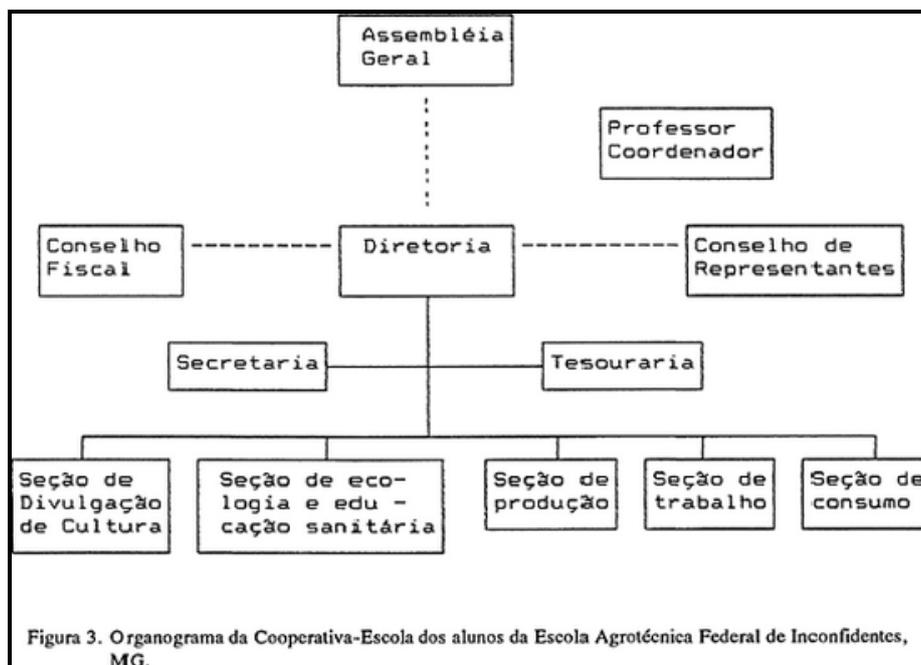
A Estrutura Organizativa é composta por características do modelo de gestão praticado dentro da Rede Solidária. Contempla também as estratégias de descentralização, sucessão geracional e a rotatividade de composição das instâncias coordenadoras. Em muitas Redes e EES

trata-se das instâncias, como: Conselho Gestor, Diretorias, Coordenações, Conselhos, dentre outras.

Organograma da Estrutura Organizativa

É um esquema ou desenho composto pelas diversas instâncias de participação interna para gerenciamento das funções da Rede Solidária. É composto pelo fluxo de informações e decisões.

Abaixo segue um exemplo de um organograma de uma Cooperativa-Escola, para ilustrar.



Mecanismos ou instâncias de participação

São espaços de participação dos/as catadores/as para influência e intervenção na gestão da Rede Solidária. Devem garantir o direito de voz em todas as esferas da Rede Solidária e se constituir enquanto espaços formação e empoderamento de catadores/as. Como exemplo assembleias, oficinas formativas dentre outros.

Sucessão geracional

Pensando na vitalidade associativa e na permanência de práticas autogestionárias dentro de uma Rede Solidária, torna-se necessário elaborar mecanismos que assegurem a sucessão geracional, garantindo que jovens catadores/as sejam constantemente formados sobre as funções e princípios que direcionam as práticas coletivas da Rede Solidária e dos EES inserido/as nos processos das Redes Solidárias.

Como vitalidade associativa entende-se todas as ações fundamentais para o fortalecimento do EES e da Rede Solidária, que permitem melhorias nas relações internas e externas, na confiança e transparência entre os/as catadores/as, na qualidade de vida e nos ganhos financeiros, de modo a incentivar as atividades e objetivos a serem alcançados.

Rotatividade de cargos e funções

Entende-se que a característica autogestionária potencializa a igualdade e deve ser baseada no exercício do poder compartilhado entre os membros. Para a prática autogestionária tanto nos EES quanto na Rede Solidária é fundamental que exista rotatividade de catadores/as em todos os cargos e funções. Para isso é fundamental que as formações sejam direcionadas à participação e apropriação da informação de todas as atividades, para que todos/as se sintam aptos/as para assumir as diversas funções existentes na estrutura organizativa dos EES e da Rede Solidária durante a rotatividade de cargos.

Gestão do Negócio Sustentável

É o processo que trata do gerenciamento do negócio sustentável definido e explicitado no Plano de Negócios Sustentáveis da Rede Solidária. A instância de gestão desse negócio não é, necessariamente, a mesma instância da Rede em si.

Aspectos Formais

Os aspectos formais estão relacionados com o modelo de organização da Rede Solidária e tratam da estruturação legal e jurídica da Rede Solidária. Suas especificidades serão tratadas no Plano Contábil.

3. Comunicação

A comunicação de forma participativa exige dos EES e da Rede Solidária o desenvolvimento da comunicação estratégica para a mobilização social, que deve basear-se em princípios éticos e ações coletivas.

Para isso, são necessárias a difusão das informações e a promoção da coletivização, em busca da conscientização, empoderamento e identificação dos/as catadores/as com a Rede Solidária e o Negócio Sustentável. A seguir estão indicados alguns elementos que podem compor a organização da comunicação dentro da Rede Solidária:

Organograma do fluxo da informação

É um desenho ou esquema do caminho pelo qual a informação tem que passar entre as instâncias que compõem os EES e a Rede Solidária. O objetivo é facilitar a visualização dessas instâncias e deixar explícito o

papel e a relação comunicativa de cada catador/a dentro da estrutura organizativa geral da Rede Solidária.

Gestão da Informação, Controle e Transparência

A gestão da informação contempla mecanismos de transparência, controle e acesso à informação, por meio de espaços para compartilhamento de informações entre EES, catadores/as, parceiros e Redes Solidárias.

Deve ser pensada como uma ferramenta para legitimidade da gestão participativa da Rede Solidária, prevenindo conflitos internos, empoderando os/as catadores/as dos processos produtivos da Rede Solidária e possibilitando a participação direta e consciente de todos/as nas decisões da Rede.

Vale ressaltar que, para garantir o protagonismo dos/as catadores/as na gestão participativa rumo à autogestão, se faz necessário criar condições e estímulos para que os/as próprios/as catadores/as produzam a informação e organizem instrumentos e meios de divulgação entre os membros da Rede Solidária.

Como exemplo, pode-se citar alguns meios de comunicação que já são usados por algumas Redes Solidárias, como reuniões semanais, um jornalzinho periódico (impresso ou mesmo enviado via email), sites, mural de recados e facebook.

4. Formação e Mobilização para a Participação

O trabalho é a forma pela qual se dá a mediação dos seres humanos com a natureza e consigo mesmos. É no processo de trabalho

que os seres humanos modificam suas ações, construindo cultura e maneiras de fazer e pensar o mundo.

As diferentes formas de construir, participar, e interpretar a realidade não são autônomas, mas construídas historicamente pelos grupos e classes sociais, considerando, entre outras, as questões de gênero, raça, etnia, sexualidade e as diferenças geracionais. Portanto, a formação para participação no trabalho associado em Redes Solidárias deve ser direcionada para o estabelecimento de novas formas de relação interna e externa entre os/as catadores/as.

O trabalho de formação e mobilização deve contribuir para superar o paradigma da divisão social do trabalho, ou seja, que separa o “saber” do “fazer”, a “produção” do “administrativo”, o/a “técnico/a” do/a “catador/a”. Todos os saberes devem ser considerados de forma igualitária, uma vez que o processo de aprendizagem entre técnicos/as responsáveis e catadores/as é mútuo e se complementam entre si.

Mecanismos e Estratégias de Vitalidade Associativa

São formas de garantir a gestão participativa para dentro dos EES e da Rede Solidária. Podem assumir as formas de capacitações, dinâmicas e/ou metodologias que trabalhem a questão da autogestão dentro da Economia Solidária. Dentre os elementos necessários para a autogestão está a descentralização, conforme exposto abaixo.

Descentralização

Um modelo de organização descentralizada parte do princípio da autodisciplina do sujeito envolvido em conjunto com metodologias que criem condições do exercício do poder coletivo. Nessas metodologias deve ser considerada a desconstrução das relações desiguais socialmente construídas a partir das diferenças. No sistema hegemônico

as diferenças são apropriadas para justificar as desigualdades, sejam elas de nível de escolarização, gênero, sexualidade, raça, etnia, culturais, geracionais, entre outras. Nos princípios da Economia Solidária é possível que se produza e reproduza uma nova cultura, alicerçada no respeito, na igualdade e na justiça nas diferenças. Torna-se necessário o planejamento e a execução de uma prática de descentralização ideológica, administrativa e do conhecimento.

5. Estratégias e metodologias para Planejamento, Monitoramento e Avaliação (PMA) das atividades em Rede

Trata-se das metodologias, procedimentos e instrumentos específicos para o desenvolvimento dos EES e da Rede Solidária no que diz respeito ao planejamento, monitoramento e avaliação. O PMA também explicita as responsabilidades pelas atividades, as metas e os prazos a serem observados, gerando compromissos coletivos.

A maioria das organizações solidárias pratica algum tipo de PMA. Para a elaboração do Plano de Gestão Participativa é importante mapear essas práticas, categorizá-las e potencializá-las dentro da Rede Solidária para que sejam realizadas de forma contínua e sistêmica. No manual de oficinas/vivências há alguns exemplos dessas metodologias.

6. Relações Políticas e Institucionais

Do ponto de vista político, para as relações internas de uma organização autogestionária, um dos princípios é o protagonismo dos/as catadores/as nas decisões pelo método da democracia direta na gestão. O método tem o objetivo de extinguir a hierarquização e burocratização das relações. Para as relações políticas com as instituições externas, o princípio é o da autonomia. Uma organização autogestionária precisa ter

um amplo leque de parcerias, contudo deve ter autonomia política em relação a elas.

Para as relações econômicas internas, o princípio da democracia econômica se traduz na propriedade coletiva dos meios de produção e na divisão igualitária dos excedentes de produção entre os produtores/as que são também trabalhadores/as, mas não assalariados/as. Para as relações econômicas externas, a democracia econômica significará o direito de participação dos indivíduos de maneira coletiva, das relações econômicas de produção, distribuição e consumo.

Agentes externos

A temática dos/as catadores/as é universal, não se restringindo única e exclusivamente aos membros dos EES e Rede Solidária. Dialogar a questão social da reciclagem com os diversos setores da sociedade deve ser uma estratégia de fortalecimento da Rede Solidária. Neste sentido, a articulação de esferas públicas possibilita o avanço e o acesso às políticas públicas pelos/as catadores/as, como fóruns municipais e/ou regionais de debates e encaminhamentos de ações.

Em relação aos desafios demandados acerca das questões gerenciais é importante estabelecer o diálogo e o trabalho em conjunto com apoiadores, constituindo equipes de trabalho ou redes de apoio que planejem as ações e metodologias que contribuam para o empoderamento e protagonismo da Rede Solidária.

No escopo do Projeto CATAFORTE - Negócios Sustentáveis em Redes Solidárias, a estratégia das Bases de Serviços é fundamental para que haja a formação e capacitação técnica dos/as catadores/as, que possibilitem que as Redes Solidárias componham internamente seu corpo técnico. Desta forma, é fundamental estimular espaços formativos

com esse objetivo, bem como potencializar a relação com outras Redes Solidárias e EES de outros setores da Economia Solidária.

Da mesma forma, os EES e a Rede Solidária devem estabelecer negociações com o Poder Público no sentido de garantir a efetivação de suas conquistas e direitos, como, por exemplo, a contratação pela prestação de serviços na Gestão Integrada dos Resíduos Sólidos como uma estratégia tanto de reconhecimento, quanto de viabilidade econômica do empreendimento.

É importante que a Rede Solidária defina coletivamente que tipo de negociação irá estabelecer com os agentes econômicos, principalmente os de mercado. Como se dará a manutenção e avaliação destas relações, sem perder de vistas seus princípios e objetivos.

Procedimentos

- Discutir e sistematizar junto ao Conselho Gestor e Catadores/as Mobilizadores/as da Rede Solidária a situação atual da Rede Solidária relacionando com os elementos desta Etapa e com o resultado do Diagnóstico Participativo.

Etapa 3 – Planejamento Participativo da Rede

O Planejamento consiste na elaboração e na discussão coletiva do plano de ação da Rede Solidária. Configura-se como um processo de conhecimento e análise da realidade da Rede, seus desafios e potencialidades e a proposição de alternativas para solução de problemas e tomada de decisões. Por possuir caráter processual, deve ser um instrumento flexível, permitindo adaptações, ajustes e alterações nos objetivos e nas estratégias durante a sua execução. É, assim, uma atividade permanente de reflexão e ação. O planejamento deve ser visto

como instrumento que contribui para a proatividade dos/as catadores/as, superando o imobilismo e propiciando o desenvolvimento da ação coletiva e participativa.

O planejamento participativo propõe transformar pessoas, muitas vezes excluídas das decisões, em trabalhadores/as autogestionários e autônomos. A busca da emancipação pressupõe mudanças culturais e um amplo processo de formação para a autogestão.

O processo de planejamento participativo deve propor estratégias que gerem condições para atender às necessidades imediatas da Rede Solidária, possibilitem a aprendizagem e a construção da autonomia do grupo e sua formação autogestionária. É importante que as ações previstas no planejamento contemplem as questões imediatas e, também, os objetivos estratégicos de curto, médio e longo prazo.

Para elaboração do planejamento participativo é imprescindível a contribuição das pessoas envolvidas em todos os processos da Rede Solidária. Seu sucesso dependerá da escolha e aplicação adequadas de uma metodologia que priorize a participação efetiva dos/as catadores/as.

Deve-se resgatar a sistematização do diagnóstico participativo, do qual foram identificadas as dificuldades e as propostas para a Rede Solidária. As técnicas para elaboração do planejamento participativo devem ser simples e de fácil compreensão para os/as catadores/as. Para levantamento das propostas de ação, sugere-se que sejam feitas perguntas direcionadas, tais como: O que fazer para superar uma dificuldade ou potencializar um ponto positivo detectado? Como fazer? Quem vai fazer? Quando fazer? Quais os recursos necessários?

A partir das proposições levantadas, constrói-se uma matriz de planejamento ou plano de ações participativo. Nesse exercício de

planejamento, podem ser considerados períodos de execução mais curtos ou mais longos, mas sempre é útil que se identifiquem ações realistas e que possam vir a ser implementadas na Rede Solidária. O papel do facilitador como agente motivador para a participação nas discussões do maior número de pessoas é essencial.

Procedimentos

- Resgate do resultado do diagnóstico participativo: os/as técnicos/as apoiadores/as propõem uma plenária ou reunião ampliada, com representantes de todos os EES da Rede Solidária, Conselho Gestor e Catadores/as Mobilizadores/as e apresentam um resgate do diagnóstico participativo focando nas dificuldades e nas propostas levantadas.
- Priorização das dificuldades levantadas: Caso no diagnóstico participativo tenham sido detectadas muitas dificuldades, o/a técnico/a deve propor uma priorização, com a escolha das mais importantes a serem consideradas no plano de ação.
- Proposição de soluções: discutir as soluções para as dificuldades priorizadas, escolhendo-se, de forma consensual, aquelas que devam ser trabalhadas, ou seja, para as quais serão definidas as atividades que as viabilizarão.
- Elaboração da matriz de planejamento: desenhar uma matriz, em que se identificam as ações, atividades, responsabilidades e o período de execução, visando solucionar cada problema apontado. Sugere-se que sejam usadas fichas, cartazes, post it e painéis ou quadro.

Etapa 4 – Sistematização do Plano de Gestão Participativa

A sistematização do Plano de Gestão Participativa será feita com base nas informações e dados coletados e nos objetivos do Projeto CATAFORTE - Negócios Sustentáveis em Redes Solidárias.

O roteiro para elaboração do Plano de Gestão Participativa da Rede Solidária consta no anexo (a ser incluído) deste guia.

Procedimentos

- Técnicos/as elaboram o Plano de Gestão Participativa com base no diagnóstico e no planejamento feito com a participação dos catadores/as dos EES participantes da Rede Solidária.
- Conselho Gestor da Rede valida o Plano de Gestão Participativa.

Etapa 5 – Implementação do Plano de Gestão Participativa

Para implementação do Plano de Gestão Participativa, faz-se necessário que os/as técnicos/as apoiadores/as, juntamente com os/as Catadores/as Mobilizadores/as e o Conselho Gestor da Rede Solidária desenvolvam uma série de atividades.

O Plano de Gestão Participativa deve conter os procedimentos metodológicos que contemplem a socialização dos conhecimentos.

As atividades podem ser:

- Articulação dos EES, Conselhos e Fóruns de forma que permitam o diálogo com outros segmentos da Economia Solidária
- Intercâmbio com outras Redes Solidárias
- Elaboração metodologias e indicadores para práticas de tomadas de decisões participativas na Rede Solidária

- Criação de canais que otimizem a comunicação
- Criação de um projeto de formação permanente
- Discussão e construção do Acordo de Convivência da Rede Solidária
- Participação em espaços que reforcem o empoderamento político e diálogo com agentes externos
- Participação em espaços de formação e capacitação de forma a garantir o protagonismo dos catadores e catadoras

Etapa 6 – Monitoramento do Plano de Gestão Participativa

O monitoramento do Plano de Gestão Participativa consiste em uma atividade regular de coleta de informações e indicadores, a respeito de sua execução, de modo a identificar possíveis desvios das ações planejadas e colaborar para a tomada de decisões. Além de fornecer informações a respeito de tendências e mudanças sobre o que está funcionando ou como as atividades podem ser melhor ajustadas.

As ações de monitoramento do Plano de Gestão Participativa são importantes, pois fornecem informações necessárias para a gestão da implementação do plano. O monitoramento feito de forma participativa, com o envolvimento dos/as catadores/as, potencializa os resultados e promove uma gestão transparente do processo com o entendimento das responsabilidades e das contribuições a serem dadas para a execução das atividades e alcance dos resultados esperados.

INDICADORES

Os indicadores são instrumentos utilizados para medição do alcance das ações, metas e resultados e devem fazer parte do sistema de monitoramento do Plano de Gestão Participativa para assegurar sua

implementação seja participativa. Devem abranger e monitorar os seis componentes propostos para implementação do Plano.

Os indicadores do Plano de Gestão Participativa devem ser adequados às características das informações que se deseja monitorar. Devem ser válidos, mensuráveis, verificáveis, oportunos, sensíveis, pontuais, etc.

Além disso, sua construção deverá ser feita desde o início do projeto, de forma participativa, como premissa básica do Projeto CATAFORTE: Negócios Sustentáveis em Redes Solidárias. Durante o “Encontro de Planejamento das Redes Solidárias e das Executoras das Bases de Serviços” foram sugeridas diretrizes para nortear a elaboração dos indicadores para o Plano de Negócios Sustentáveis, Plano de Gestão Participativa, Plano Contábil, Plano de Logística e Projetos de Engenharia, que são produtos previstos no âmbito deste Projeto.

Para este Plano de Gestão Participativa, alguns indicadores serão construídos na “Oficina de Desenvolvimento de Metodologias para Elaboração e Implantação do Plano de Gestão Participativa das Redes de Cooperação”. Outros indicadores específicos de cada Rede Solidária também podem e devem ser apresentados quando da elaboração do Plano de Gestão Participativa, uma vez que é imprescindível que haja flexibilidade e adaptabilidade do monitoramento para as realidades locais.

Procedimentos:

- Levantamento dos indicadores: Os/as técnicos/as responsáveis, juntamente com os/as catadores/as, deverão propor indicadores para o monitoramento do Plano de Gestão Participativa,

considerando cada um dos componentes do referido Plano. Sugere-se que os/as técnicos/as responsáveis realizem oficinas/vivências para construção de indicadores junto aos/às catadores/as dos EES que compõem a Rede Solidária.

- **Sistematização dos indicadores:** Após a realização das oficinas/vivências nos EES da Rede Solidária deverão ser sistematizados os resultados. Outra parte desta etapa é informar como serão mensurados, quais os procedimentos a serem adotados e quem vai executá-lo. Após a sistematização, os/as técnicos/as responsáveis fazem uma apresentação para validação dos resultados pelo Conselho Gestor e Catadores/as Mobilizadores/as.

=.=.=.=.=.

OFICINAS/VIVÊNCIAS PARA SUBSIDIAR A ELABORAÇÃO DO PLANO DE GESTÃO PARTICIPATIVA DAS REDES DE COOPERAÇÃO DE CATADORES E CATADORAS DE MATERIAIS RECICLÁVEIS

CATAFORTE

Fortalecimento do Associativismo e Cooperativismo dos Catadores de Materiais Recicláveis

Negócios Sustentáveis em Redes Solidárias



Ministério da
Saúde

Ministério do
Meio Ambiente

Secretaria Nacional de
Economia Solidária

Ministério do
Trabalho e Emprego

Secretaria-Geral da
Presidência da República

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PÁTRIA EDUCADORA

Junho de 2015
São Paulo – SP

Sumário

OFICINAS/VIVÊNCIAS PARA SUBSIDIAR A ELABORAÇÃO DO PLANO DE GESTÃO PARTICIPATIVA DAS REDES DE COOPERAÇÃO DE CATADORES E CATADORAS DE MATERIAIS RECICLÁVEIS

<i>Sugestões de Metodologias para Elaboração e Implantação do Plano de Gestão Participativa.....</i>	3
Identidade e Projeto de Sociedade	3
Dinâmica da teia	3
O cooperativismo e a minha história.....	4
Linha do tempo	5
A sociedade que temos e a sociedade que queremos	8
Estrutura Organizativa	9
Organograma da Rede.....	9
Comunicação	11
Descrição oral de uma imagem	11
Mensagem escrita	12
Comunicação Externa.....	14
Metodologias para PMA	16
Oficina do Bag dos Sonhos	16
Matriz FOFA	18
Formação e Mobilização para Participação.....	20
Navegar é (im)possível... para todos!.....	20
Relações Políticas e Institucionais	22
Jogo das Bolas.....	22
Indicadores.....	24
Construindo Indicadores	24

Sugestões de Metodologias para Elaboração e Implantação do Plano de Gestão Participativa

Identidade e Projeto de Sociedade

Dinâmica da teia

Objetivos

Debater a importância da união do grupo e avaliar os pontos fracos do empreendimento.

Material Necessário

- Novelo de lã ou barbante;
- Símbolo e/ou nome da Rede.

Introdução

A dinâmica do novelo de lã serve para debater a importância da Rede e como todos/as dependem um do outro, cooperam entre si para sustentar o empreendimento. Nesse caso a pergunta norteadora que irá explicitar esse sentido de união é: **“Qual é a identidade da nossa Rede?”**.

Descrição/roteiro da atividade

Em um primeiro momento, explica-se a atividade e, em seguida, o/a formador/a propõe a pergunta-problema que permeia o porquê da oficina.

O grupo está em círculo, sentado ou mesmo em pé. Uma pessoa tem um novelo de lã, segura uma ponta e lança o novelo para outra pessoa, aleatoriamente, dependendo de sua escolha. A pessoa que lançou o novelo diz seu nome e responde a pergunta-problema. Cada um responde e passa o novelo. E, assim, sucessivamente.

No final, haverá uma rede unindo todos/as os/as integrantes da Rede. Então, deve-se colocar o símbolo da Rede no centro (placa com nome ou símbolo, escrito em um papel), de forma que seja sustentado pela rede. Conversar sobre a identidade da Rede, resgatando as respostas dadas.

Encerramento

Além das respostas, outro produto final será a teia representativa daquele grupo. É possível avaliar a forma e composição da teia

buscando uma avaliação sobre a estrutura que compõe o grupo. Por exemplo: em um grupo com problemas de coesão, a teia pode ficar com grandes buracos na sua estrutura, pela disposição das pessoas durante o exercício e/ou para quem estas pessoas jogaram o novelo de lã, facilitando, assim, identificar problemas de coesão no grupo.

Cabe ressaltar que esse momento deve ser registrado com um relato sobre os resultados alcançados (com fotos), para ficarem na memória da Rede e serem usados em momentos futuros. Tal relato deve ser colocado no Plano de Gestão Participativa.

=.=.=.=.=.=.=.

O cooperativismo e a minha história

Sugerida para àquelas Redes que se encontram em fase de inicial de articulação, formalização.

Objetivos

Trabalhar os conceitos do cooperativismo e chegar ao tema da Rede através das histórias de vida dos/as catadores/as, por meio de atividades que envolvam desinibição corporal e memória.

Material Necessário

- Papel pardo;
- Pincéis atômicos;
- Cola;
- Tesouras;
- Folhas sulfite;
- Imagens diversas.

Introdução

Essa oficina tem o intuito de relacionar a história de vida dos/as catadores/as ao contexto histórico e ao momento do cooperativismo. A proposta é construir autoconhecimento que possibilite o estabelecimento de uma identidade coletiva conectada a um contexto maior que o do empreendimento.

Descrição/roteiro da atividade

Etapa 1

Jogo corporal, com a intenção de trabalhar a desinibição e a exposição em público. Fazer uma roda e propor uma atividade de utilização da voz ou de movimentos corporais.

Sugestão: uma pessoa começa um movimento ou um som e a pessoa ao lado tem que imitar o movimento e inventar outro. O terceiro imita os dois anteriores e cria outro e assim por diante.

Como continuação, pode ser feita outra atividade: uma pessoa vai ao centro da roda e faz qualquer movimento ou som e as pessoas da roda a imitam. Uma atividade com um grau de dificuldade um pouco maior em relação à atividade anterior, já que esta implica a ida ao centro e a imitação coletiva de uma criação pessoal.

Etapa 2

Pedir aos(às) catadores/as para que se dividam em dois grupos que ficarão em mesas/locais diferentes. Colocar figuras nas mesas, com imagens diversas e contrastantes: trabalhadores(as) informais, lixão, pessoas pobres e ricas, barracos e casas grandes, carros velhos e novos, trabalhadores(as) diversos/as, transporte público lotado, favela, imagens de pessoas desnutridas, entre outras.

Pedir para as pessoas discutirem as figuras e relacionarem, de alguma forma, com sua história de vida, dizendo como se aproximaram do empreendimento. Cada grupo ficará encarregado de escolher uma história de vida para apresentar ao coletivo.

Etapa 3

Fazer uma roda e pedir para os catadores/as pelos grupos contarem suas histórias. Ao final dessa atividade, relacionar as histórias com a história na Rede. Pensar na relação entre como foi chegar até aqui e o que se quer para a Rede no futuro, enquanto um projeto de sociedade.

Encerramento

Para complementar esta atividade, recomenda-se realizar a oficina “Linha do tempo – empreendimento na história”.

Cabe ressaltar que esse momento deve ser registrado com um relato sobre os resultados que foram alcançados e fotos, para ficarem na memória da Rede e serem usados em momentos futuros. Tal relato deve ser colocado no Plano de Gestão Participativa.

=.=.=.=.=.

Linha do tempo

Objetivos

- Fortalecer a identidade do grupo;
- Resgatar a história da Rede;
- Relacionar fatos históricos com a história da Rede;
- Contribuir para a consciência de sujeito histórico dos/as catadores/as.

Material Necessário

- Papel pardo;
- Pincéis atômicos;
- Fotos do empreendimento
- Imagens relacionadas ao trabalho do empreendimento.

Introdução

Essa oficina é um importante instrumento da Educação Popular na medida em que possibilita que a história de vida dos/as trabalhadores/as dialogue com a história oficial, podendo contribuir para consciência do fazer histórico da classe trabalhadora.

A intenção é mostrar que cada um/a tem uma história singular, mas que é semelhante à história de muitas outras pessoas e que essas histórias de vida fazem parte de uma história maior, que é a história do país em que vivem, mostrando que os fatores que levam determinadas pessoas a uma situação de pobreza ou desemprego não são consequências, apenas, de sua história de vida, mas de um contexto mais amplo, político, social e econômico.

Para se aproximar desse desafio, os/as técnicos/as apoiadores/as devem se preparar para essa atividade. Devem resgatar a história da região em que a Rede está inserida, bem como fatos importantes da recente história da Economia Solidária, e saber relacioná-los com outros fatos socioeconômicos marcantes da história do Brasil (mecanização do campo, êxodo rural, industrialização, desemprego, surgimento dos centros urbanos, arrocho populacional das grandes cidades, desemprego, aumento dos/as trabalhadores(as) informais, empreendimentos como alternativa de trabalho a uma população sem alternativa de emprego/trabalho), que, de certa forma, associem-se com a história de vida dos/as catadores/as.

A partir desse estudo prévio a equipe técnica poderá propor um recorte temporal, bem como elencar alguns elementos-chave a serem observados ao longo da história da Rede como, por exemplo, a variação

das retiradas, variação do número de catadores/as. Em geral a rememoração coletiva da história da Rede acontece de forma desordenada, fala quem sente vontade, por isso, a equipe técnica deverá estar atenta em relação a quem aparecerá como porta-voz da história do grupo e se existem divergências em relação a esta (Avaliar se todos relatam. Se as mulheres e idosos se manifestam ou somente as lideranças se pronunciam).

Descrição/roteiro da atividade

Etapa 1

Afixar um cartaz com a linha do tempo (em branco) com recorte temporal na parede e apresentar a proposta à Rede, bem como alguns elementos-chave que devem aparecer nos relatos de cada período. Os elementos-chave podem ser representados por fotos da Rede. Perguntar pelo ano de fundação do empreendimento e registrar.

Etapa 2

Perguntar pelas condições que possibilitaram a fundação. Como a Rede se formou? Quais empreendimentos já estavam no grupo? Como esses empreendimentos trabalhavam antes? A Rede obteve apoio externo? Se possível, relacionar esses elementos com fatos da história recente. Fotos, reportagens e outros registros podem ser fixados na linha do tempo ou podem ser utilizados como disparadores de memória (depende do planejamento prévio da equipe técnica).

Etapa 3

Avançar da mesma forma na construção da linha do tempo relacionando histórias de vida, história do empreendimento e fatos da história recente.

Encerramento

Ao final, os/as catadores/as poderão se manifestar sobre o significado da atividade. A equipe técnica também poderá se manifestar em relação ao aprendizado adquirido com as histórias de vida e da Rede. É interessante que a linha do tempo permaneça exposta na Rede por algum tempo, pois poderá ser utilizada em oficinas futuras ou complementada.

==.==.==.==.==.==.

A sociedade que temos e a sociedade que queremos

Objetivos

- Discutir o projeto de sociedade para a Rede;
- Analisar a realidade da sociedade;

Material Necessário

- Papel pardo;
- Pincéis atômicos;

Introdução

Essa oficina possibilita a discussão acerca da sociedade atual na qual vivemos, suas contradições, seus problemas e contribui para que os catadores/as analisem a realidade e proponham um novo modelo de sociedade. A partir da análise que as pessoas têm da realidade atual da sociedade brasileira e dos desejos individuais e coletivos, bem como do direcionamento político e organizativo da Rede, se constrói o projeto de sociedade desejada que incorpore os princípios da economia solidária.

Descrição/roteiro da atividade

Etapa 1

Dividir o grupo em 2 subgrupos. Cada subgrupo vai discutir uma pergunta e sintetizar no cartaz as principais ideias surgidas no debate.

- O Grupo 1 vai responder: Como é a sociedade brasileira que temos hoje?
- O grupo 2 vai responder: Como é a sociedade brasileira que queremos ter?

Etapa 2

Cada grupo apresenta a síntese no grupão. A equipe técnica busca relacionar os aspectos da realidade com os aspectos da sociedade desejada (p.ex: desemprego – mais trabalho).

Etapa 3

Após o relacionamento da sociedade que temos com a sociedade que queremos, o/a técnico/a vai motivar os participantes a priorizarem os aspectos em ordem de importância. A priorização pode se dar de maneira dialogada ou através de votação.

Etapa 4

Colocar um terceiro cartaz em branco ao lado dos outros dois. Discutir com os participantes: O que é necessário para termos a sociedade que queremos? Motivar os participantes para a discussão macro (políticas públicas, economia, etc) até a discussão local (contribuições da Rede para uma nova sociedade). Escrever as propostas no cartaz.

Encerramento

Ao final, avaliar a aplicação da oficina, bem como a importância dela para a discussão do projeto de sociedade que a Rede tem e sua participação na construção dessa sociedade.

=.=.=.=.=.=.

Estrutura Organizativa

Organograma da Rede

Objetivos

Evidenciar e coletivizar o entendimento dos/as catadores/as sobre a estrutura organizativa da Rede e sobre como as diversas instâncias se relacionam.

Material Necessário

- Papel pardo;
- Folhas sulfite;
- Pincéis atômicos;
- Tesoura;
- Fita adesiva;
- Setas de papel.

Introdução

Essa oficina busca aliar a estrutura de funcionamento de uma Rede ao conhecimento palpável da prática de funcionamento das instâncias vivenciada por catadores/as cotidianamente. A oficina inicia com a discussão sobre o entendimento dos/as catadores/as sobre a estrutura do empreendimento e termina na montagem de um organograma.

Descrição/roteiro da atividade

Etapa 1

Discutir coletivamente:

- a. Quais são as instâncias que temos para gestão da Rede?
- b. Quais são as instâncias necessárias para a gestão da Rede?
- c. Já existe alguma norma para elas em algum documento da Rede (Estatuto, Regimento Interno, acordos de convivência)?
- d. Além das instâncias que já existem, seria importante ter outras instâncias de gestão participativa? Quais? (não esquecer de incluir a “produção” e outras áreas fundamentais para a organização como instâncias da Rede)

Definidas as instâncias, escrever em letras grande o nome da cada uma em cada folha de papel sulfite.

Etapa 2

Dividir os participantes em grupos de quatro ou cinco pessoas e entregar o "kit" da atividade a cada grupo. Cada grupo deve fazer uma discussão, que deve ser anotada para posterior sistematização, com o tema: “o que cada um entende por cada instância?”

Etapa 3

Sugerir que alguém fique responsável pela sistematização escrita (oferecer ajuda caso o grupo tenha dificuldades com a escrita). Pedir para que cada grupo escreva o que foi discutido sobre cada instância em folhas de papel separadas, reservando uma folha para cada instância.

Etapa 4

Cada grupo deverá montar um organograma que evidencie as instâncias e como elas se relacionam no cotidiano da Rede utilizando as folhas sulfite com o nome de cada instância e as setas.

Encerramento

Ao final, os organogramas estarão prontos, contendo a organização das instâncias da Rede, assim como as folhas com o que os/as catadores/as consideram como responsabilidade de cada uma dessas instâncias. Com os organogramas prontos, solicitar a cada grupo que apresente o que foi escrito sobre cada instância e como o organograma foi estruturado. Cada grupo pode escolher um representante ou fazer uma apresentação coletiva. Essa atividade levanta uma série de questões e problemas que precisarão ser registrados e organizados em um planejamento para serem trabalhados em médio prazo.

Comunicação

Descrição oral de uma imagem

Objetivos

- Discutir problemas de comunicação no empreendimento;
- Debater a transmissão de informações entre emissores e receptores, demonstrando que toda informação depende do interlocutor que a transmite, mas também do receptor;
- Discutir como a história é construída a partir de um ponto de vista e, por isso, deve ser entendida como uma versão dos fatos e não uma verdade absoluta.

Material Necessário

- Imagem previamente escolhida pelo grupo.

Introdução

É corriqueiro para os EES e Redes enfrentar problemas com a comunicação interna e externa. Esses problemas, muitas vezes, geram dificuldades para a coesão e organização do grupo e com os parceiros. Por isso, essa atividade propicia, de maneira lúdica, trabalhar essas questões. A atividade mostra também que toda história é uma história contada, isto é, uma história que carrega elementos de quem a contou e, por isso, uma construção.

Descrição/roteiro da atividade

A atividade consiste em contar oralmente como uma pessoa vê uma figura. São necessárias quatro pessoas ou mais. As quatro pessoas devem ficar fora da sala e entrar uma por vez. Os/as outros/as catadores/as ficam assistindo a transmissão da informação.

A primeira pessoa entra e é a única que, em um primeiro momento, vê a imagem. A imagem é então guardada e essa pessoa deve contar para a próxima que entrar como é a figura. A pessoa que está escutando pode fazer perguntas para obter mais informações, mas não pode ver a figura. A primeira pessoa deve sair (pode assistir as outras etapas, mas não deve mais falar) e a segunda pessoa descreve a imagem para uma terceira (que estava do lado de fora). Isso deve ser repetido

sucessivamente. O restante do grupo assiste a todo o processo sem ver a figura.

Encerramento

Ao final, devem-se reunir todos/as os/as catadores/as e mostrar a imagem para o coletivo. O técnico responsável deve propor ao empreendimento um debate sobre a atividade. Algumas questões para o debate: “O que tinha sido imaginado a partir das informações descritas por cada voluntário/a? Quais as diferenças com a imagem real? O que isso significa?”.

O encerramento da atividade deve trazer o debate para situações concretas que o empreendimento viveu. Além disso, a equipe técnica deve conduzir o debate propondo questões relacionadas aos problemas de comunicação, de manipulação de mensagens e da importância da transmissão da ideia.

Cabe ressaltar que esse momento deve ser registrado com um relato sobre os resultados que foram alcançados e fotos, para ficarem na memória da Rede e serem usados em momentos futuros. Tal relato deve ser colocado no Plano de Gestão Participativa.

=.=.=.=.=.

Mensagem escrita

Objetivos

- Discutir problemas de comunicação no empreendimento;
- Debater a transmissão de informações entre emissores e receptores, demonstrando que toda informação depende do interlocutor que a transmite, mas também do receptor;
- Ressaltar as formas de comunicação oral e escrita.

Material Necessário

- Tarjetas para que a mensagem seja escrita.

Introdução

É corriqueiro para os EES e Redes enfrentar problemas com a comunicação interna e externa. Esses problemas, muitas vezes, geram dificuldades para a coesão e organização do grupo e com os parceiros. Assim, essa atividade busca mostrar como diferentes tipos de comunicação (verbal e escrita) podem ser feitas.

Descrição/roteiro da atividade

A atividade consiste em passar uma mensagem de forma oral, com informações importantes (ex: O cliente ReciclandoSempre encomendou doze fardos de PET cristal, dois bags de papel misto no qual quer pagar R\$ 0,40 e temos que entregar até a próxima quinta-feira). São necessárias três pessoas. Os/as três catadores devem ficar fora do espaço e entrar um/a por vez. Os/as outros/as catadores/as ficam assistindo a transmissão da informação.

A primeira pessoa entra e lê a mensagem original. Ela será a responsável por passar a mensagem à próxima pessoa. Essa, após ouvir o que foi dito deve anotar em um papel o que entendeu. Ela entrega essa mensagem escrita para a terceira pessoa que entra no espaço.

Essa terceira pessoa deve, após ler a mensagem, guardar o papel e reproduzir em voz alta o que foi lido. O restante do grupo assiste a todo o processo observando os acontecimentos, falhas, associação com qual tipo de comunicação, a atenção dada pela pessoa ou grupo à informação, etc.

Se o grupo for numeroso, pode ser dividido em subgrupos, e, em cada um, essa atividade acontece de forma simultânea, em espaços diferentes, mas o debate final deve ser com todo o grupo.

Encerramento

Ao final, devem-se reunir todos/as os/as catadores/as e o técnico responsável deve propor ao empreendimento um debate sobre a atividade. Algumas questões para o debate: “Alguma informação importante deixou de ser repassada?”, “Essa dinâmica nos permite ver as diferentes formas de comunicação, oral e escrita?”, “Quais as vantagens/desvantagens de cada uma?”, “Qual adotamos mais na nossa Rede?”.

O encerramento da atividade deve trazer o debate para situações concretas que o empreendimento viveu. Além disso, a equipe técnica deve conduzir o debate propondo questões relacionadas aos problemas de comunicação, de manipulação de mensagens e da importância da transmissão da ideia.

Cabe ressaltar que esse momento deve ser registrado com um relato sobre os resultados que foram alcançados e fotos, para ficarem na memória da Rede e serem usados em momentos futuros. Tal relato deve ser colocado no Plano de Gestão Participativa.

Comunicação Externa

Objetivos

- Avaliar a divulgação do empreendimento;
- Levantar suas principais necessidades de comunicação externa;
- Encaminhar a elaboração dos materiais de divulgação.

Material Necessário

- Exemplos de materiais de divulgação (folder, folhetos, cartão);
- Folha sulfite;
- Canetas coloridas;
- Lápis de cor;
- Papel pardo;
- Pincéis atômicos.

Introdução

Toda Rede precisa de um planejamento de comunicação externa para divulgar seu trabalho, estabelecer um diálogo com a sociedade e dar visibilidade aos produtos ou serviços prestados. No entanto, o processo de elaboração dos materiais de divulgação de um empreendimento popular deve ser feito de maneira coletiva, envolvendo catadores/as e parceiros/as, e resultado de um debate sobre a identidade do grupo.

A ideia é que o processo seja permeado de reflexões sobre as imagens e textos que melhor representam a Rede e que, em determinado momento, os/as catadores/as se apropriem das principais ferramentas necessárias à elaboração desses materiais.

Descrição/roteiro da atividade

Etapa 1

Divide-se o grupo em dois subgrupos que vão discutir uma pergunta cada. As perguntas devem ser dadas aos subgrupos separadamente, de modo que um subgrupo não saiba a pergunta do outro.

Um subgrupo vai discutir e responder: Como nós vemos a nossa Rede? Usar palavras e expressões objetivas e sucintas. Escrever as respostas num cartaz.

O outro subgrupo vai discutir e responder: Como achamos que as pessoas de fora (incluindo pessoas do bairro, entorno, prefeitura, clientes, fornecedores, etc) veem a nossa Rede? Escrever as respostas num cartaz.

Etapa 2

Os subgrupos apresentam os cartazes com as respostas. O/a técnico/a procura ressaltar os aspectos em comum dos dois grupos. A partir dos cartazes apresentados, motivar a discussão entre os participantes: Qual seria a imagem ideal da Rede que gostaríamos de passar? Como mostrar esta imagem para as outras pessoas?

Etapa 3

Iniciar outro debate junto aos/às catadores/as sobre a situação da divulgação da Rede. As seguintes questões podem ser levantadas:

Qual é a divulgação atual da Rede (panfletos, cartões de visita, aparições nos meios de comunicação, faixa, informações na fachada etc.)?

Esta divulgação é suficiente?

Que outros tipos de divulgação a Rede poderia ter?

Etapa 4

Levantar os possíveis materiais de divulgação que podem ser feitos pela Rede e as prioridades: panfleto, faixa ou "banner" para colocar em frente ao local do empreendimento, anúncio em jornal comunitário (impresso ou rádio), cartão de visita, assessoria de imprensa ao se lançar um novo produto ou em decorrência de algum fato político etc.

Após o levantamento, decidir coletivamente o que é mais urgente para a divulgação da Rede, levando em consideração a viabilidade de produção dos materiais gráficos sugeridos. As seguintes perguntas podem ajudar no debate:

- Qual a possibilidade dos materiais serem produzidos?
- Quanto o empreendimento pode investir?

Dividir tarefas entre os/as catadores/as, como, por exemplo: contato com os jornais e rádios comunitárias, levantamento de diferentes orçamentos de gráficas, possíveis apoiadores (um exemplo: às vezes a gráfica apoia em troca de colocar o logotipo no material), elaboração dos materiais.

Encerramento

A partir das ideias sugeridas e das possibilidades de viabilizar os materiais, o/a técnico/a apoiador irá sistematizar as propostas que comporão o projeto de comunicação da Rede, incluindo as propostas de comunicação interna.

Metodologias para PMA

Oficina do Bag dos Sonhos

Objetivo

Esta oficina tem como objetivo a realização de um planejamento estratégico com catadores e catadoras de forma coletiva.

Material Necessário

- Filipetas;
- 3 Krafts grandes (um em formato de bag, um em formato de esteira e um em formato de tambores);
- Canetões;
- Fita adesiva;
- Flipchart.

Introdução

A realização de processos de planejamento estratégico pode ocorrer de várias formas, o importante é ter em mente que durante a elaboração do Plano de Gestão Participativa e antes de se iniciar uma atividade de planejamento deve-se diagnosticar minimamente as vontades e anseios dos catadores e catadoras da rede. Quando bem realizado, o planejamento estratégico gera como produto ações que serão desenvolvidas pelos/com os catadores e catadoras em seus EES e na Rede Solidária.

Importante lembrar que todo planejamento precisa, constantemente, de monitoramento e avaliação das ações encaminhadas. Esta metodologia permitirá que sejam definidas metas a serem atingidas e ações para atingimento das metas estabelecidas.

Descrição/ roteiro da atividade

Etapa 1

A primeira etapa é a parte de enchermos o bag com sonhos, para isso serão distribuídas filipetas entre os participantes e em grupos será discutido sobre a seguinte questão:

- Se pudéssemos transformar nosso espaço e relações de trabalho, como gostaríamos que fosse nossa Rede/EES daqui 5 anos?

Os participantes, em grupos ou individualmente, devem escrever nas filipetas os desejos e sonhos para a Rede Solidária para daqui a 5 anos. Cada filipeta, antes de ser colada no cartaz deve ser explicada ao grupo de forma oral pelo/s responsáveis.

Por fim discute-se as semelhanças e proximidades entre os sonhos, o objetivo neste momento é unir as propostas dentro de “eixos” ou temas; Para auxiliar na mediação os eixos serão criados na hora e a partir dos sonhos do grupo tendo como objetivo comum a execução do Plano de Gestão Participativa;

Etapa 2

A Esteira dos Desafios semelhante ao “muro das lamentações” (Oficina do Futuro) aqui são apresentados os desafios que podem ser encontrados durante a execução do Plano de Gestão Participativa. Da mesma forma da etapa anterior, os participantes, em grupos ou individualmente, refletem sobre a seguinte pergunta:

- Quais tipos de desafios se pode encontrar para alcançar os sonhos e desejos que foram colocados no “bag dos sonhos” na etapa anterior?

A esteira dos desafios é a ferramenta que irá nortear as propostas práticas de alcance dos sonhos do bag, ela serve como um balizador das ações que serão propostas na próxima etapa garantindo assim que estejam sempre coerentes com a realidade que será encontrada durante a execução do plano;

Também pode ser realizado um trabalho para aglutinar os desafios ou aproximar os desafios de determinadas metas, isso deverá ser avaliado e analisado pelo mediador para ser decidido se há tal necessidade;

Etapa 3

Os Caminhos da Coleta Seletiva é a última parte da metodologia de planejamento, após serem pensados os sonhos (metas, objetivos ou resultados) e os desafios (contexto social, econômico e político atual da rede solidária) é a hora de iniciar as reflexões sobre as ações que podem ser realizadas para alcançar aqueles sonhos, ou seja, quais os caminhos serão trilhados para realização daqueles sonhos.

As ações devem ser propostas para que se alcancem os sonhos (metas) propostos. A validação de cada proposta de ação deverá seguir alguns critérios simples, são eles:

- **Objetividade:** ela tem relação direta com a realização de alguma meta prevista no planejamento? Está na governança de nossa rede e/ou do plano?

ESCRITÓRIO NACIONAL

- **Materialidade:** existe a possibilidade material de se realizar esta ação? Recursos financeiros, articulações políticas, recursos humanos, etc;
- **Contextualização:** A proposta condiz com o contexto social no qual a rede está inserida? Propõe ou supera os desafios pensados na esteira?

As validações são realizadas de forma participativa pelo grupo, a não validação de uma proposta deve ser seguida de novas proposições por parte do grupo. As proposições de ação podem se complementar até que seja validada como uma ação possível e essencial.

Encerramento

Após finalizadas as proposições de ações é chegada a hora de organizá-las cronologicamente e atribuir responsabilidades aos catadores e catadoras da Rede Solidária. O mediador junto aos participantes da dinâmica deve organizar uma tabela contendo as ações, os passos, os responsáveis e os prazos de execução para cada ação.

Ação	Passos	Responsáveis	Prazo de execução
Ação 1	Passo 1 Passo 2 Passo 3	Cooperativa Azul	6 meses
Ação 2	Passo 1 Passo 2 Passo 3	Cooperativa Verde	18 meses

==.==.==.==.==.

Matriz FOFA**Objetivo**

Avaliar uma situação, realidade local, projeto, atividade realizada;
Identificar as forças, oportunidades, fraquezas e ameaças de uma Rede.

Material Necessário:

- Papel pardo
- Pincéis
- Tarjetas
- Fita crepe

Introdução

A Matriz FOFA (Forças, Oportunidades, Fraquezas, Ameaças) consiste em uma análise detalhada da situação da Rede, o que ajuda os/as catadores/as na tomada de decisões. É uma técnica que propicia um diagnóstico estratégico que ajuda a prever e prevenir condições negativas, além de firmar diretrizes que façam a Rede se diferenciar. Possibilita a discussão, o monitoramento de projetos e o planejamento de ações através da identificação de problemas e potenciais.

Descrição/roteiro da atividade

Etapa 1

O primeiro passo é definir quais são os pontos fortes e fracos do ambiente interno da Rede, ou seja, o que é controlado por ela. Os pontos fracos ou fraquezas consistem em analisar o que pode ser feito para melhorar a Rede. Por exemplo, baixa produção de material reciclável, poucos clientes. Em seguida, são definidos os pontos fortes, que são as Fortalezas. As perguntas a serem utilizadas para se definir as forças são: O que a Rede faz de melhor, de quais recursos dispõe, e o que a Rede possui de melhor em relação aos seus concorrentes? É importante salientar que as forças e fraquezas dizem respeito às questões internas da Rede.

Etapa 2

Após a análise do ambiente interno, passa-se à análise do ambiente externo, através das oportunidades e ameaças. Trata-se daquilo que não pode ser controlado pela Rede. Nesse quesito são observadas as oportunidades que existem, como as tendências ou novidades, chances de conquistar novos clientes para a Rede, ou seja, o que pode gerar aumento de receita ou melhoria na Rede. Exemplos de oportunidades: abertura de uma indústria recicladora na região, eleição de prefeito comprometido com a causa dos catadores, etc. Também são exploradas as ameaças que a Rede pode sofrer.

Trata-se de fenômenos externos à Rede, mas que podem vir a prejudicá-la. Por exemplo: diminuição do preço dos recicláveis, chegada de novos concorrentes na região, etc.

Etapa 3

À medida que os/as catadores/as vão respondendo às perguntas, outros podem escrever em tarjetas e colar no papel pardo em um quadrante, separado nesses 4 aspectos.

FORÇAS	FRAQUEZAS
OPORTUNIDADES	AMEAÇAS

Depois de colocadas todas as opiniões levantadas, deve-se dar uma nota de prioridade para cada item, classificando os itens em “muito importante”, “importante”, “pouco importante”.

Encerramento

A partir das principais forças, oportunidades, fraquezas e ameaças, aliado a um diagnóstico formal e a outras técnicas de prospecção, a Rede pode levantar os seus objetivos estratégicos e realizar o seu planejamento.

Formação e Mobilização para Participação

Navegar é (im)possível... para todos!

Objetivos

Perceber e vivenciar o poder de participação coletiva; navegar do “porto seguro” para o “ponto futuro” ...todos juntos!

Material

- Folhas de jornal, uma para cada participante;
- Espaço amplo ou ar livre, suficiente para acolher todo o Grupo,

Introdução

Essa atividade propicia, de maneira lúdica, trabalhar esse tema, uma vez que todo o barco (ou seja, grupo) deve conseguir cumprir a meta de chegar ao futuro, assim todos devem participar.

Descrição/Roteiro da Atividade

Essa atividade possui uma regra básica, na qual nenhuma parte do corpo pode tocar o piso, incluindo calçados, roupa e qualquer outro tipo de material.

No desenrolar da atividade o grupo é organizado em pequenos Times (“barcos”) com aproximadamente o mesmo número de

ESCRITÓRIO NACIONAL

participantes. Idealmente, 4 barcos. Cada Time é formado por “tripulantes” (catadores/as), cada um sentado em cima de uma folha de jornal (“parte do barco”), lado a lado. Os barcos formados são posicionados como lados de um grande quadrado (“porto seguro”), porém, deixando os cantos mais espaçados. Isto é, um “barco” não encosta no outro. Todos os barcos voltados para o centro do quadrado.

É importante criar uma atmosfera lúdica desde o início. Para isso, pode-se criar um enredo, um cenário adequado ao momento. Por exemplo, imaginando um grupo de velejadores sendo desafiados a realizar diferentes manobras para aperfeiçoar suas competências de navegação. Alguns desafios são propostos:

1º Desafio

- Cada barco deverá sair de seu “porto seguro” (posição de partida) e chegar no ponto futuro”. Isto é, navegar para o outro lado do quadrado, imediatamente à frente de cada respectivo barco. Todos os tripulantes devem chegar levando o próprio barco (as próprias cadeiras).
- Quando todos os barcos alcançarem seu “ponto futuro”, o desafio é vencido por todos! Condições de Navegação:
- Imaginando que todo o piso do ambiente corresponde às águas de um oceano muito frio e povoado por tubarões, todos os barcos deverão navegar respeitando 2 condições:
 - Nenhuma parte do corpo pode tocar a água (o piso). Incluindo calçados, roupa e qualquer outro tipo de material. Afinal, a água é muuuito fria e cheia de tubarões!!!
 - O barco (os jornais) não pode ser arrastado.

2º Desafio

Depois de todos os barcos terem alcançado o “ponto futuro” e celebrando essa conquista, desafiemos o Grupo, como um único barco, a se posicionar em ordem alfabética...respeitando as mesmas Condições de Navegação!!!

Encerramento

Esta “Navegação (im)possível” desafia as pessoas a sair de seu “porto seguro” e partir na direção do “ponto futuro”. É um Jogo Cooperativo muito potente porque estimula romper a inércia provocada pelo comodismo ou pela resignação. Este é um desafio que pode nos impulsionar na direção de nossas mais essenciais aspirações e alcançar

metas aparentemente (im)possíveis... desde que orientados pela bússola da cooperação e participação.

Cabe ressaltar que esse momento deve ser registrado por meio de relato sobre os resultados alcançados e fotografias, para ficarem na memória da Rede e serem usados em momentos futuros. Tal relato deve ser colocado no Plano de Gestão Participativa.

=.=.=.=.=.=.=.=

Relações Políticas e Institucionais

Jogo das Bolas

Objetivos

Diagnosticar as relações da Rede com diferentes agentes sociais e instituições.

Introdução

A proposta da oficina é levantar coletivamente quais são os agentes sociais e instituições com quem o empreendimento se relaciona e debater as características, as influências positivas e negativas e a proximidade com eles.

Essa ferramenta permite que o empreendimento visualize melhor essas relações e, a partir disso, possa escolher de que forma pretende se articular com esses agentes sociais.

Material Necessário

- Papel pardo ou cartolina
- Pincéis atômicos;
- Canetinha;
- Tesoura;

Descrição/roteiro da atividade

Etapa 1

Perguntar aos/às catadores/as quais as pessoas, entidades e locais que influenciam, de alguma forma, o trabalho da Rede. Anotar essas informações na cartolina, ou papel pardo (pregado na parede), no decorrer das falas. Durante esse processo, fazer perguntas para estimular o levantamento de instituições, como:

ESCRITÓRIO NACIONAL

- Alguém influencia na venda? E na compra?
- Alguém é responsável pela sede?
- Alguém contribuiu com algum tipo de doação? Quem?

Caso o/a técnico/a perceba que faltou alguma instituição importante, elaborar perguntas para que esta seja lembrada. Se há uma instituição que não foi citada, indicar como essa instituição também influencia no trabalho.

Como guia, é importante ter em mente os seguintes grupos de instituições: poder público (governo federal, estadual, municipal, secretarias e órgãos públicos), instituições privadas, população, entidades não-governamentais, pessoas físicas que estabelecem algum tipo de relação com a Rede, movimentos populares e sociais, instâncias de decisão da Economia Solidária (municipais, estaduais e nacionais), meios de comunicação etc.

Etapa 2

A partir dessa lista, pedir aos/às catadores/as que avaliem como essas diferentes instâncias influenciam no trabalho da Rede. Após discussão, levantar a ordem de importância destas instituições em relação ao empreendimento.

Etapa 3

Combinar com o grupo que uma cor do pincel representará influência negativa, enquanto a outra representará influência positiva. Bolas maiores serão utilizadas para instituições de maior importância. Pedir aos/às próprios/as catadores para desenharem no papel pardo ou cartolina uma bola que represente a Rede e, em discussão coletiva, definir o tamanho e a cor de cada uma das instituições que serão agregadas ao desenho. Desenhar posicionando, de acordo com a proximidade de relação e importância, cada uma das instituições/pessoas já citadas, apontando o grau de relação que possuem com a Rede.

Encerramento

A partir desta atividade, é possível conversar sobre as possibilidades de diálogo com essas instituições e sobre o papel dessas junto ao empreendimento econômico solidário. Caso os/as queiram, deixar o painel exposto no empreendimento como forma de lembrar as instâncias que fazem parte da rede de relacionamentos e poder.

=.=.=.=.=.

Indicadores

Construindo Indicadores

Objetivos

- Levantar as ações, metas e resultados do Plano de Gestão Participativa que devem ser monitorados;
- Construir indicadores para monitoramento e avaliação do Plano de Gestão Participativa;
- Encaminhar a elaboração dos materiais de divulgação.

Material Necessário

- Filipetas;
- Pincéis atômicos.
- Canetas coloridas;
- Papel pardo;
- Fita adesiva.

Introdução

Cada Plano do Projeto CATAFORTE precisa de indicadores que permitam o monitoramento das ações, metas e objetivos propostos e que subsidiem a tomada de decisões para modificações necessárias, visando o sucesso do Plano. Nesse sentido, o processo de construção desses indicadores deve ser feito de maneira coletiva, envolvendo catadores/as e parceiros/as, entendendo a importância desses indicadores para o monitoramento do Plano e resultando em debates sobre as expectativas do Plano e divisão de responsabilidades para o alcance dessas expectativas.

Descrição/roteiro da atividade

Etapa 1

Debater em grupo o Plano de Gestão Participativa da Rede Solidária, entendendo que esse Plano permeia todos os Planos e Produtos a serem elaborados no âmbito do Projeto CATAFORTE.

Etapa 2

Debater em grupo de até 12 catadores/as para discutir perguntas norteadoras para construção de indicadores. Caso existam 2 ou mais grupos as perguntas devem ser dadas aos subgrupos separadamente,

de modo que haja maior participação e envolvimento dos/as catadores/as no processo de elaboração dos indicadores.

O bom planejamento do plano auxiliará a construção dos indicadores, pois algumas perguntas norteadoras terão suas respostas no próprio plano, conforme segue:

- O que vai ser monitorado? (Metas, ações, objetivos)
- Com que finalidade irá monitorar?
- Que aspectos da Rede Solidária é preciso conhecer melhor e investigar?
- Como e quando será feita a obtenção e coleta de informações?
- Como e por quem serão analisadas as informações coletadas?
- Para quem e como serão comunicados os resultados das análises?
- Como e quem tomará as decisões com base no que foi descoberto? (Procurar entender o porquê dos alcances e dos não alcances e sugerindo caminhos para recuperar os desvios e atrasos).

Etapa 3

Respondida as perguntas, devem-se juntar os subgrupos, para consolidar as respostas debatidas e estabelecer os indicadores para cada ação, metas e resultados.

Encerramento

A partir das ideias sugeridas e das possibilidades de viabilizar os materiais, o/a técnico/a apoiador irá sistematizar as propostas que comporão o projeto de comunicação da Rede, incluindo as propostas de comunicação interna. Os dados devem ser apresentados tanto no Plano de Gestão Participativa, quando nos Relatórios de Gestão de Participativa.

As conclusões, recomendações e lições aprendidas devem ser claras, pertinentes e direcionadas para que a avaliação possa gerar: aprendizagem para novos projetos; prestação de contas para a comunidade e responsabilização pública da sua implantação física e financeira

==.==.==.==.==.==.==